

## APRESENTAÇÃO

Antônio de Salvo **Carrico**<sup>1</sup>  
Guillermo Stefano Rosa **Gómez**<sup>2</sup>  
Hernán M. **Palermo**<sup>3</sup>  
Manoel Cláudio da **Rocha**<sup>4</sup>

### 1. Apresentação

É com muita satisfação que apresentamos o dossiê temático da 52ª edição da *Revista Iluminuras*, cujo título, “Antropologias do Trabalho: Desafios Latino-Americanos”<sup>5</sup>, já sugere a intenção de dar destaque a um campo temático de reflexões e indicar que esse esforço intelectual coletivo é estreitamente vinculado a uma rede internacional de pesquisadoras e pesquisadores das complexidades do fenômeno do trabalho na América Latina.

Comemoramos o fato de ser um número dedicado ao trabalho, conceito e tema que, apesar de ter longevidade nas Ciências Sociais, é “pouco frequente na tradição antropológica” (Leite Lopes, 2011), principalmente pela diluição da classe enquanto categoria analítica frente a outras abordagens e escolhas temáticas (Fonseca, 2006). Levando isso em consideração, neste dossiê sinalizamos uma reivindicação de ter, mais que um campo de estudos sobre trabalho, a possibilidade de uma *antropologia* do trabalho no peso conceitual que esse termo acarreta. Acrescentado a isso, buscamos a conflagração de *antropologias*, no plural, de forma a destacar a diversidade de influências teóricas e de campos conceituais empregados nos estudos antropológicos dos universos laborais.

“O que faz com que as pessoas trabalhem?” (Harris, 2007) não é nem mesmo um questionamento se optarmos pela resposta pragmática e materialista baseada na lógica

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Email: [ancarrico@yahoo.com.br](mailto:ancarrico@yahoo.com.br)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8485-7025>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Email: [guillermorosagomez@gmail.com](mailto:guillermorosagomez@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-2902-9993>

<sup>3</sup> CEIL-CONICET, Argentina. Email: [hernanpalermo@gmail.com](mailto:hernanpalermo@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-0414-7352>

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Email: [manoelrochacs@gmail.com](mailto:manoelrochacs@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-8477-6062>

<sup>5</sup> Recebemos contribuições valiosas de Jaime Santos Junior (PPGSocio/UFPR) no levantamento crítico e bibliográfico do campo das antropologias e sociologias do trabalho. Agradecemos também ao inestimável trabalho de editoração de Marcelo Reis Fraga (UFRGS).

da modernidade ocidental. Porém, se submetermos o trabalho à abordagem antropológica e etnográfica, é possível buscar respostas a essa pergunta, calcadas nos fundamentos de uma disciplina que tem como base o questionamento radical dos pressupostos culturais tido como “naturais” ou “familiares”. Assim, consideramos o significado, o entendimento e a valoração do “trabalho” como mote de debate e diálogo de uma comunidade interpretativa que centra na etnografia sua maior chave de produção de conhecimento. Com isso, contamos com a oportunidade de fomentar e visibilizar “teorias etnográficas” (Peirano, 2006) sobre as tramas entre trabalho e cultura na América Latina em diferentes escalas e contextos.

Tal proposta deve suas inspirações às tradições intelectuais e campos temáticos que remontam a processos específicos de formação de campos acadêmicos na América Latina. Não temos a intenção de uma revisão bibliográfica completa dessa área de estudo, mas sim, mencionar eixos importantes em nossas trajetórias de pesquisa que levaram a pensar as Antropologias do Trabalho enquanto campo temático formado por distintas linhagens intelectuais.

No Brasil, ressaltamos a importância do grupo formado em torno de Moacir Palmeira na consolidação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/UFRJ) que, a partir da década de 1970, desenvolveu pesquisas seminais para a Antropologia do Trabalho. Dessa geração, devemos registrar nomes como os de José Sergio Leite Lopes, Beatriz Heredia, Lygia Sigaud, Afrânio Garcia, Rosilene Alvim, Marie-France Garcia Papert, entre outros. Do projeto de pesquisa “Emprego e Mudança Socioeconômica no Nordeste”, coordenado por Moacir Palmeira e desenvolvido no âmbito do PPGAS/UFRJ, colhemos estudos hoje considerados clássicos: (Heredia, 1979), (Leite Lopes, 1978), (Garcia Jr., 1995), (Sigaud, 1979) e (Alvim, 1997), para citar alguns exemplos. Sob a insígnia do registro etnográfico, temos obras que versam sobre os impactos da estrutura latifundiária na zona da mata de Pernambuco frente à desestruturação do *regime de morada* e o surgimento dos *direitos*. A equipe logrou êxito em mapear os sujeitos que compunham esse microcosmo das relações sociais, interpretando as concepções nativas de trabalho e uma gramática das formas de se referir e nomear o modo de vida da *plantation canavieira*.

Ainda sobre o Nordeste, não se pode esquecer da contribuição de Ellen (1995) e Klass Woortmann (1997), que fizeram pesquisa de campo em Sergipe com famílias de pequenos produtores rurais. Se for possível falar em “linhagem intelectual”, chegamos,

já na década de 1980, às contribuições de Marilda Menezes (2002), que realizou estudos com trabalhadores rurais da Paraíba que migravam para o corte de cana em São Paulo. A propósito, do Sudeste cabe uma menção ao trabalho de Maria Aparecida de Moraes (1999), também com trabalhadores do corte de cana, e a de José de Souza Martins, importante figura para uma sociologia da modernidade brasileira, abarcando uma ampla diversidade de temas, tais como os estudos rurais (1986), os estudos do cotidiano (2014) e da fotografia e da imagem (2008)<sup>6</sup>.

Creditamos também a pesquisa de Gustavo Lins Ribeiro (2006) e sua análise sobre a construção da capital do Brasil, Brasília. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília* (Ribeiro, 2006) constitui uma versão modificada da tese do autor, sob a orientação de Lygia Sigaud no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), em 1980. A proposta do livro se baseia no registro e na reconstrução da memória dos trabalhadores da construção da capital federal segundo sua própria experiência cotidiana. Esse projeto se caracteriza por demandar uma enorme quantidade de trabalhadores migrantes – geralmente nordestinos – até sua data de inauguração, o que faz com que, repentinamente, essa força de trabalho ficasse sem ocupação. O autor analisa uma série de características que todo “grande projeto” – tornando esse termo um conceito – coloca em marcha, como a demanda por trabalhadores temporários, homens e solteiros. Lembra-nos que os aspectos ideológicos, como o nacionalismo ou a ideia de “redenção nacional”, são centrais para abordar as representações dos trabalhadores na América Latina e Caribe, e atua na redefinição do conflito capital-trabalho aumentando exponencialmente os ritmos de produção.

Outro eixo fundamental da Antropologia Brasileira que se debruça sobre os fenômenos do trabalho vem das contribuições das antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza da Rocha, junto ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS)<sup>7</sup> e o Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS), ambos pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse caso, as Antropologias do Trabalho são pensadas em estreita

---

<sup>6</sup>Não seria descabido propor uma olhadela para os (as) que, conquanto mais próximos de uma “sociologia do trabalho”, tiveram inspiração na Antropologia. É o caso, por exemplo, das investigações de Nadya Guimarães e Antonio Sergio Guimarães (1995; 1998) sobre os operários do setor petroquímico em Salvador, Bahia. Há neles uma combinação criativa de estratégias metodológicas que não se rendem aos imperativos da extrema especialização das áreas de estudo, fazendo conversar a natureza intensiva do registro etnográfico e a abordagem extensiva quantitativa do *survey*.

<sup>7</sup> O BIEV pode ser acessado em: <https://www.ufrgs.br/biev/>.

conexão com os campos da Antropologia Urbana e da Antropologia Visual e, assim, o trabalho é pensado em suas articulações com os conceitos de *cidade*, *memória*, *tempo*, *duração* e *imaginário*.

Cornelia Eckert realizou investigações sobre mineiros de carvão no Brasil e na França, estudando principalmente processos de desindustrialização de comunidades de trabalho na descontinuidade da vida econômica de “cidades vocacionais”. O livro *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*, publicado em 2012, versão compacta de *Une ville autrefois minière: La Grand-Combe: Etude d’Anthropologie Sociale*, tese defendida em 1992 na Sorbonne Paris V, pode ser considerado um clássico da Antropologia do Trabalho (Cf. Gómez, 2019). No período de 1987 a 1991, Cornelia conviveu com a última geração de mineiros de carvão de extração tradicional, já passados trinta anos do fechamento das minas (Eckert, 2012: 68). O estudo antropológico dos ritmos temporais do trabalho é contribuição chave dessa perspectiva interpretativa.

Dessa linhagem de estudo das imagens e temporalidades do trabalho e, em especial, da antropologia das memórias do trabalho nas cidades, se desenvolveram diversas pesquisas que compõem as redes da Antropologia do Trabalho. Sob orientação de Cornelia, frutificaram investigações sobre indústrias calçadistas (Rocha, 2014), mineiros de carvão no Rio Grande do Sul (Cioccarì, 2004), mineiros de ouro no Chile (Jorquera Alvarez, 2017), trabalhadores ferroviários (Nunes, 2010; Gómez, Rapkiewicz & Eckert, 2019), trabalho de domésticas (Dantas, 2016), de bairros e vilas operárias (Melo, 2008; Lopo, 2012), cidades industriais (Lopo, 2016), feirantes (Vedana, 2004), pescadores (Adomilli, 2002; Castro, 1997), barbeiros (Soares, 2012), industrialização e impacto na gestão urbana (Pires, 1998), entre outros.

A consolidação desse projeto intelectual de investigação das memórias e narrativas dos habitantes da cidade se deu especialmente na proposição de uma *Etnografia da Duração* (Rocha & Eckert, 2013), para a qual os conceitos de narrativa, biografia e memória são centrais. A contribuição de Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert, no âmbito do BIEV/PPGAS/UFRGS, é inestimável para os estudos antropológicos do trabalho abrindo caminho, sobretudo, para investigações que levem

em consideração o trabalho em sua multiplicidade de imagens comportando, por exemplo, narrativas fotográficas, escritas, sonoras, filmicas e hipermídia<sup>8</sup>.

Nesse sentido, uma das mais recentes realizações é o livro *Etnografias do trabalho: Narrativas do Tempo* (Eckert & Rocha, 2015), que apresenta o resultado de um projeto de pesquisa realizado entre os anos de 2009 e 2014 contando com apoio de diversas pesquisadoras e pesquisadores. Como fio condutor da obra apresentou-se a tarefa de conceituar a relação entre trabalho e tempo a partir do estudo do trabalho nas cidades sob o viés conceitual da memória coletiva.

Também não podemos deixar de mencionar o caminho já trilhado fomentado na *Revista Iluminuras* que, por ser vinculada ao BIEV/PPGAS/UFRGS, tem como parte do seu arcabouço o campo temático dos estudos do trabalho. Assim, referenciamos os dossiês que nos sucederam sobre *trabalho e antropologia*, coordenados por Juliana Cavilha e Viviane Vedana (2012<sup>9</sup>; 2013<sup>10</sup>).

Na Argentina, diversas pesquisas colocaram ênfase nos aspectos chave das vidas operárias tais como saúde/doença e vida/morte a fim de situá-los no âmbito de disputa entre capital e trabalho (Wallace, 1998). Essa linha de pesquisa sobre processos de saúde e doença tem um claro antecedente teórico nas investigações de Eduardo Menéndez (1990) sobre a relação do desgaste dos trabalhadores e os processos de exploração e alienação inerentes ao assalariamento. Outro eixo de problemáticas desenvolvidas pela Antropologia do Trabalho na Argentina se relaciona ao estudo e às consequências dos processos de reconversão produtivas nos anos 1990, tanto em empresas estatais em processos de privatização (Palermo, 2012; Soul, 2014), como de empresas privadas (Soul y Vogelmann, 2010).

No México, o início da Antropologia do Trabalho se vincula com o conceito de *cultura operária*. Com uma clara influência da historiografia inglesa – em particular autores como Richar Hoggart, E. P. Thompson, entre outros –, Victoria Novelo (1980) e José Luis Sariago Rodríguez (1988) foram aqueles que, a partir de uma perspectiva

---

<sup>8</sup> Um dos bons exemplos é o portal “Memórias do Trabalho” (<https://www.ufrgs.br/memoriasdotrabalho/>). Damos destaque ao sonoras e filmicas do trabalho urbano: <https://www.ufrgs.br/memoriasdotrabalho/2018/08/31/etnografias-do-trabalho-saberes-e-fazer/es/>.

<sup>9</sup> “Antropologia do Trabalho: cotidiano, práticas e memória”. v. 13, n. 30 (2012). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/1728>

<sup>10</sup> “Trabalho e Etnografia”. v. 14, n. 33 (2013). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/2183>

antropológica, começaram a estudar os trabalhadores e trabalhadoras como sujeitos de pesquisa a nível do cotidiano, colocando em foco os significados do trabalho. Esses estudos inaugurais indagaram – a partir da categoria de cultura operária – as situações reais de vida e trabalho, os arranjos familiares, as organizações sociais e sindicais, as visões de mundo, os valores, símbolos e práticas, assim como as expectativas de futuro dos trabalhadores e trabalhadoras (Nieto, 1992; Reygadas, 2002). A estratégia de investigação sempre esteve baseada na observação direta das vidas dos trabalhadores e trabalhadoras, e tiveram uma marca indispensável já em sua origem, a interdisciplinaridade.

Fundamentada nessa trajetória e como mais uma forma de consolidação de antropologias dedicadas aos estudos dos trabalhadores e trabalhadoras, em 2017 foi fundada a *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, uma publicação internacional do CEIL-CONICET (Argentina) e do CIESAS-CONACYT (México)<sup>11</sup>. O propósito da revista é o de recuperar as distintas tradições antropológicas do trabalho na América Latina<sup>12</sup> com o objetivo de consolidar um espaço de troca entre pesquisadoras e pesquisadores.

## **2. Artigos**

Como fica claro no levantamento desse campo temático, há uma pluralidade de perspectivas e possibilidades para as Antropologias do Trabalho na América Latina. Este dossiê representa bem essa diversidade, uma vez que não se desloca de uma discussão mais ampla com o campo e das possibilidades de interlocução entre as pesquisas. Contamos com dez artigos, escritos em espanhol e português, de diferentes regiões do Brasil, da Argentina e do México.

É o artigo **Concepción del trabajo en ámbitos precarios. Los jóvenes trabajadores de Moroleón y Uriangato, Guanajuato** de *Octavio Martín Maza Díaz Cortés e Gerardo Pérez Martínez*, que abre a edição. Nele, a articulação entre juventude, redes sociais e trabalho informal em duas cidades mexicanas permite aos autores refletirem sobre a perenidade da informalidade no mercado de trabalho no México sem ignorar as representações sociais que as trabalhadoras e os trabalhadores fazem de seu trabalho, seus sonhos e projetos de vida.

---

<sup>11</sup> Acesso a revista: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/lat/index>

<sup>12</sup> Já foram homenageados, por exemplo, José Sérgio Leite Lopes (Cioccarri, 2017), Victoria Novelo (Novelo, 2018) e Cornelia Eckert (Gómez; Baldissera & Rodrigues, 2019).

Em um primeiro eixo do estudo, os autores abordam os aspectos demográficos e territoriais e da duração história da indústria têxtil naquela região do país. O segundo, discute especialmente os conceitos de informalidade e precariedade de trabalho, sempre dialogando com as representações sociais dos jovens trabalhadores e trabalhadoras. O terceiro, fala especificamente da metodologia usada que, partindo do termo indutor “trabalho”, buscou acessar as representações dos sujeitos sobre suas práticas cotidianas. Como articulação desse trajeto, o último eixo mobiliza a relação entre *situações e significações* do trabalho, refletindo tanto sobre aspectos da razão prática, tais como os salários e os próprios da cultura, como os motivos de deixar ou iniciar um trabalho e os projetos de vida almejados.

As redes sociais e o trabalho têxtil são elementos que aparecem também no segundo artigo, baseado na experiência de trabalhadores e trabalhadoras do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco estudado por *Berlano Andrade* no texto **A máquina e a enxada: economia moral e acumulação flexível no território das confecções em Pernambuco, Brasil**. O autor apresenta a articulação entre redes de parentesco, vizinhança e “conhecimento”, mostrando que o trabalho agrícola – a enxada – e o trabalho industrial – a máquina – não são polos opostos, mas sim, se combinam nas ambivalências do mundo rural pesquisado: a cidade de Surubim (PE). Berlano revela essas ambivalências acompanhando os/as trabalhadores/as nos diversos papéis que desempenham em relação a diferentes instituições, como bancos e o poder público, além das estratégias de investimento e sazonalidades do trabalho. Ainda, evidencia como o labor se mescla à noção de “ajuda” – crianças “ajudam” os pais quando não estão na escola, por exemplo – possibilitando pensar as redes de relações e significados que constroem o trabalho como uma obrigação moral.

O terceiro artigo é um estudo também situado no estado brasileiro de Pernambuco. **Ciclos da Sulanca: temporalidades e territorialidades do trabalho com vestuário em Caruaru-PE-BR** é assinado por *Wecisley Ribeiro* e aborda o trabalho da *sulanca*, “termo nativo” abrangente, que se refere à produção e circulação de roupas e outros objetos no Agreste de Pernambuco. Partindo da imersão etnográfica do autor no bairro do Salgado, majoritariamente habitado por trabalhadores do vestuário, o texto é centrado no estudo das temporalidades e espacialidades visando compreender as dinâmicas desse tipo de trabalho.

Dois eixos temporais são ressaltados por Wecisley: o primeiro diz respeito à sazonalidade do trabalho, as épocas do ano, o clima e as datas festivas, que se

relacionam com as narrativas êmicas que mobilizam a “versatilidade” enquanto valor-trabalho. Esse movimento interpretativo propõe um olhar etnográfico centrado nas estratégias econômicas, nos deslocamentos geográficos, na intermitência da seca e nas alterações dos mercados de trabalho articulados nas memórias dos trabalhadores ao relatarem os tempos passados. O segundo nível de temporalidades proposto pelo autor está centrado nas “modinhas”, na busca pelas novidades, na maneira como a mídia influencia os processos de confecção das peças de vestuário e em sua circulação dentro e fora da cidade. Assim, as temporalidades se ligam às espacialidades dado que a proximidade espacial é fundamental para o funcionamento do mercado da *sulanca*. No bairro, convergem as “relações multiplex” que incluem “parentesco, família, vizinhança, amizade, afinidade, por vezes, religião e, evidentemente, trabalho.”

Abarcando os temas do trabalho, mundo rural e etnicidade o artigo **Migração e contratação de trabalhadores indígenas empregados pela economia do agronegócio** de *Graziela Motta* tem por objetivo analisar as migrações de indígenas assalariados que trabalham em colheitas temporárias de maçã no município de Vacaria/RS, sul do Brasil. O universo de pesquisa da autora é construído em um contexto rural vinculado à economia do agronegócio. Esse resulta em uma prática relativamente recente na região, já que a contratação de indígenas para a atividade se intensificou a partir da década de 2000. O artigo é uma contribuição para a discussão de formas atuais de trabalho rural no campo disciplinar das Antropologias do Trabalho. O trabalho executado pelos indígenas resulta ser “formal” mas também “precário”, dado que é temporário e se paga somente por dias trabalhados. Esse estudo de caso expõe a dificuldade da utilização de certas categorias analíticas de caráter binário, tais como a noção de “trabalho formal” ou mesmo “precarização”. Como exposto por Graziela Mota, a noção do formal não corresponde a um trabalho não precário, o que leva a questionar, desde as Antropologias do Trabalho, as categorias utilizadas de maneira acrítica que expõem falsas dicotomias. O texto da autora nos sugere ferramentas, a partir do estudo de caso etnográfico, para dar conta das complexidades do mundo do trabalho na América Latina em seus diferentes matizes, conexões e tonalidades.

Nosso próximo conjunto de artigos está diretamente relacionado ao “trabalho urbano”, isto é, aquele produto da vida em cidades e que explicita a estratificação das classes sociais urbanas. O artigo de *Maria Luisa de Dios*, **Personal: mapeando uma nova profissão no mercado de serviços pessoais**, evidencia como é complexo o



universo dessa ocupação, apresentando uma ampla gama serviços que vão desde o *personal dogwalker* (cuidador e passeador de cachorros), até o *personal xamã* (guru ou guia espiritual) e o *personal friend* (acompanhante de senhoras para eventos sociais, nos quais assume o papel de amiga de longa data). Sua investigação é criativa e desvela um universo profissional bastante contemporâneo.

A autora aborda o imaginário que dá sustentação a essa profissão, analisando materiais jornalísticos de revistas de grande circulação. Sua análise privilegia os valores associados ao *ser* e ao *almejar ser personal*, principalmente em razão do status associado a esse tipo de serviço. Isso desencadeia interpretar, a partir das narrativas de homens e mulheres *personals*, as disputas internas desses profissionais na busca por serem “bem-sucedidos”.

A chave interpretativa que toma o imaginário como central na análise dos universos profissionais também é mobilizada por *Luísa Dantas* em **Radicalizando o imaginário: impactos das transformações do trabalho nas construções imagéticas de si de domésticas brasileiras**. No texto, Dantas apresenta parte dos resultados de uma Etnografia da Duração (Rocha & Eckert, 2013) focada em um mergulho nas imagens e temporalidades de trabalhadoras domésticas em três cidades brasileiras: Belém/PA, Salvador/BA e Porto Alegre/RS. Abordando a relação entre as transformações nas condições de emprego, as regulamentações legais e as experiências subjetivas construídas pelas trabalhadoras domésticas, a autora interroga como se construiu no Brasil um regime de imagens (narrativas, literárias, fotográficas e filmicas) sobre esse tipo de trabalho, e de que maneira ele destoa do que as próprias trabalhadoras consideram de si mesmas.

Assim, a autora explicita – privilegiando uma análise de filmes nacionais, literatura e imagens compartilhadas em mídias digitais – como as imagéticas tem um papel central nas disputas de sentidos envolvidas no processo de regulamentação da profissão de trabalhadora doméstica no país. A análise antropológica demonstra a existência de uma *visualização da desigualdade* no imaginário recorrente da mídia e de filmes, que retratam as trabalhadoras no espaço da casa dos patrões, bem como reproduzem o racismo e a discriminação. O artigo contribui especialmente para mostrar que há uma intrínseca relação entre classe, estigma profissional e as imagens, mostrando como essas têm um papel central no debate público sobre o trabalho. As disputas de sentidos sobre o trabalho também são disputas imagéticas e, por isso, a autora reivindica

um lugar de produção de *outras imagens* negociadas ética e antropológicamente com as interlocutoras de pesquisa e coerentes com suas identidades narrativas.

A importância de uma articulação entre trabalho e gênero é, inclusive, o mote de atenção de *Marla Elizabeth Almeida Reis* e *Raquel Wiggers*, em seu artigo **Mulheres que “botam banca”**: gênero e trabalho em Santarém/PA. As autoras convidam a pensar o trabalho a partir de uma perspectiva de gênero partindo, por exemplo, da categoria nativa “botar banca”, ressaltando a trajetória de mulheres vinculadas a atividades econômicas da venda de comida em bairros populares na cidade de Santarém/PA, norte do Brasil. “Botar banca” se caracteriza pela venda de comida em mesas de madeira situadas próximas dos locais de residência das vendedoras. Essa forma de trabalho permite às mulheres, por um lado, continuar com as tarefas de cuidado que de outra maneira seriam impossíveis de serem executadas e, por outro, transmitir os saberes da feitura de alimentos para seus filhos e filhas que aprendem a partir da observação do ofício das mães. A etnografia acompanha, assim, a *permeabilidade dos espaços da casa e da rua negociados pelo trabalho*. A observação acurada dos espaços da casa e da interação entre quintal e frente da casa localiza significativamente as dimensões entre vida e trabalho em sua complexa combinação.

Já o trabalho da alimentação urbana em Buenos Aires é tema do artigo de *Juliana Aloi*, **“Sin nosotras no hay ollas”**: análisis desde los merenderos, comedores y sus trabajadorxs en relación a la economía popular. O artigo apresenta contribuições importantes sobre processos em curso no mundo do trabalho, abarcando mudanças recentes ocorridas na América Latina e na Argentina em especial. Desenvolve um estudo de caso nas redes da economia popular – conceito êmico e politicamente empregado pela autora – para definir um campo mais amplo de estudo “não reduzido apenas ao trabalho informal”. A Economia Popular (EP) opera com a distinção entre o trabalho empresarial e o trabalho que não busca lucro e tem um “propósito social e comunitário”. No caso do artigo é relatado sobre os *comedores* e *merenderos*, locais de distribuição de refeições para a população e ligados à *Confederación de Trabajadores de la Economía Popular* (CTEP). Nesses espaços, que são dispostos e organizados de acordo com as divisões geográficas da cidade – as *comunas* –, além de refeições, acontecem diferentes tipos de atividades tais como apoio escolar, oficinas, organizações de trabalhadoras e grupos discussão.

A autora traz ao debate os aportes da economia feminista para pensar a interface entre a influência do trabalho de cuidado nesse tipo de ocupação das trabalhadoras e dos

*merenderos*. Juliana Aloí evidencia que o cuidado não se restringe apenas à alimentação ou ao trabalho de reprodução como seria a uma primeira mirada. Atenta, ainda, para a *relação entre crise econômica e gênero*, especialmente da “feminização da pobreza”, que é consequência da desigualdade de gênero, da hierarquia entre o produtivo e o reprodutivo e do baixo valor econômico do trabalho do cuidado.

Ainda sobre a Economia Popular argentina temos **Apuntes antropológicos sobre debates actuales: clases trabajadoras y economía popular en la Argentina**, texto de *Guadalupe Hindi*. O artigo reflete sobre a complexidade do conceito de Economia Popular (EP) e resgata seu trajeto intelectual em diferentes abordagens acadêmicas e debates público na mídia, sobretudo no que diz respeito ao protagonismo das organizações de EP, em especial da *Confederación de Trabajadores de la Economía Popular* (CTEP). O texto coloca em debate a necessidade teórica de uma redefinição da noção de Economia Popular na Argentina, que está vinculada aos processos de valorização do capital. Nesse sentido, propõe uma abordagem da temática da EP dentro das análises do “mundo do trabalho” e, a partir daí, como parte de um universo analítico da Antropologia do Trabalho, coloca a necessidade de recuperar uma análise que dê conta da heterogeneidade das experiências da “classe trabalhadora” sob o condicionamento do capital.

Encerrando os artigos do dossiê, temos o texto **Reabilitação profissional na área da saúde mental: interlocuções com a antropologia da saúde** de *Valéria Morais da Silveira Sousa, Francinaldo do Monte Pinto e Thelma Maria Grisi Veloso*. Este é um texto de discussão e reflexão teórico-conceitual que, a partir de uma pormenorizada revisão da literatura, expõe diversos elementos que reafirmam a *importância de recuperar uma perspectiva antropológica para abordar os processos de saúde no trabalho*. Nesse sentido, as autoras são bem sucedidas em expor a complexa articulação entre os fenômenos de saúde-doença-cuidado em relação às transformações contemporâneas do mundo do trabalho, em especial no campo de reabilitação profissional da saúde mental.

### **3. Relatos de Pesquisa**

Como parte do dossiê, contamos com dois relatos de pesquisa etnográficos. O primeiro é de *João Cauê Benedeti Morales*, “**Arbitragem na Várzea é um Trabalho pra se Virar**”: quando a Várzea é o Campo. As Antropologias do Trabalho têm longa

relação com etnografias nas quais os pesquisadores se inserem como trabalhadores (Cf. Carriço, 2018) para melhor compreender os universos pesquisados (são alguns exemplos: Weil, 1979; Linhart 1980; Roy 1953; Ho, 2009). É o caso do autor desse relato que, *ao se empregar como mesário* na Liga Municipal de futebol de várzea da cidade de Porto Alegre, passa a desvelar as sociabilidades constituídas nesse universo de trabalho esportivo. João Morales revela as dinâmicas da construção narrativa de seus interlocutores como “batalhadores” e faz uma reflexão sobre as significações de trabalhar e “correr atrás”.

O segundo relato, de autoria de *Luzo Vinicius Pedroso Reis e Fábio Henrique Pereira*, **O Fotojornalista no Ato Social da Produção de Notícias**, acompanha a rotina de um fotojornalista. Partindo da combinação entre interacionismo simbólico e sociologia visual, descreve etnograficamente as experiências desse profissional em diferentes “espaços de poder político” da cidade de Brasília, tais como o Supremo Tribunal Federal (STF), a praça dos três poderes, as comissões e o comitê de imprensa da Câmara dos Deputados. Essa observação de um dia de trabalho desse sujeito permite aos autores refletirem sobre sua trajetória, seus processos de escolha e dinâmicas de trabalho, contato com equipe editorial e produção de pautas. O relato consegue situar a profissão do fotojornalista dentro de um contexto mais amplo de relações – o mercado jornalístico – e discutir especialmente sobre os processos de disputa que envolvem “o que” e “como” algo pode ser noticiado. Essa dinâmica articula imagens, redes, hierarquias e o conhecimento jornalístico.

#### 4. Entrevista

Ao final do dossiê, apresentamos a entrevista **A dimensão esquecida do trabalho: entrevista com Jaime Santos Júnior**, realizada por *Guillermo Stefano Rosa Gómez, Felipe Rodrigues e Manoel Cláudio da Rocha*. O texto segue a narrativa de Jaime Santos em reflexão sobre sua trajetória biográfica e acadêmica, ressaltando a importância de uma ciência social atenta às “zonas cinzentas”, aos interstícios e não-ditos. Suas pesquisas com trabalhadores do corte de cana em Sergipe (Santos Junior, 2017) e com a memória de operários migrantes no ABC paulista (Santos Junior; Thibes; Menezes, 2019) – realizadas em interlocução com uma rede de pesquisadoras e pesquisadores –, destacam a importância do estudo do cotidiano. A interpretação dos aspectos ordinários da vida social, no trajeto intelectual de Jaime, sugere uma atenção

sociológica complexa para as resistências, as configurações familiares, os movimentos sociais, as relações patronais, entre outros fenômenos. A narrativa do entrevistado enfatiza um esforço de se desvencilhar das narrativas pré-moldadas, e de propor uma sociologia do trabalho “que não quer ser apenas uma sociologia da denúncia.”.

## **5. Ensaio Fotográfico**

Ainda nessa edição, contamos com o Ensaio Fotográfico de *Mariana Machado*, intitulado **Aprendendo a coabitar: macacos-prego e humanos no Parque Nacional de Brasília (PNB)**. O ensaio é fruto de uma pesquisa realizada no Parque Nacional de Brasília (PNB), mais conhecido como “Água Mineral”, a respeito das interações entre um grupo de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) e primatólogos, servidores e frequentadores humanos. As imagens ressaltam os diferentes tipos de relações, proximidades e afastamento entre humanos em animais no dia a dia do parque. A narrativa chama atenção para a rotina do grupo de macacos em sua interlocução com a cultura humana, sejam com pessoas, objetos ou alimentos.

## **REFERÊNCIAS**

ADOMILLI, G. Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. 114f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3320>.

ADOMILLI, G. *Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS*.344f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10406>>.

ALVIM, Rosilene. *A Sedução da Cidade: os operários camponeses e a fábrica da Lundgren*. São Paulo: GRAPHIA, 1997.

CARRIÇO, Antônio. *Além do descanso: os lugares de “folga” no trabalho em padarias (Rio de Janeiro, Brasil)*. Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo. Nº3, 2018.

CASTRO, A. S. *O uso dos recursos naturais e os desafios para a conservação da biodiversidade marinha: mudanças e conflitos em uma comunidade pesqueira na Ilha de Santa Catarina, Brasil*. Tese (Doutorado) - Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Ecologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CAVILHA, Juliana & VEDANA, Viviane. *Apresentação “Antropologia do Trabalho: cotidiano, práticas e memória”*. Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n. 30, p.3-6, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/1728>

CAVILHA, Juliana & VEDANA, Viviane. *Apresentação “Trabalho e Etnografia”*. Iluminuras, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 5-10, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/42302/26699>

CIOCCARI, Marta. *Ecoss do subterrâneo: Cotidiano e memória em uma comunidade de mineiros de carvão*. Rio de Janeiro: Ventura, 2015.

CIOCCARI, Marta. José Sergio Leite Lopes. *A decifração do mundo operário por um antropólogo sensível e engajado*. Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo. Vol 1, nº2, 2017

DANTAS, L. *As domésticas vão acabar? narrativas biográficas e o trabalho como duração e intersecção por meio de uma etnografia multi-situada: Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA*. 486 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156334>.

ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)* Curitiba: Appris, 2012.

FONSECA, Claudia. *Classe e a recusa etnográfica*. In: FONSECA & BRITES (orgs.) *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

GARCIA Jr., Afrânio. *Libres et assujettis : Marché du travail et modes de domination au Nordeste*. Paris : Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa. (2019) *Reseña: Eckert (2012) Memória e Trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*. Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo, v. 3, p. 1, 2019.

GÓMEZ, Guillermo; RAPKIEWICZ, Yuri; ECKERT, Cornelia. *Etnografias da duração e os desejos de memória ferroviária no Sul do Brasil*. Amazônica: Revista de

Antropologia. v.11, n.1, p. 83-109, 2019  
DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v11i1.6652>

GÓMEZ, Guillermo; BALDISSERA, Marielen; RODRIGUES, Felipe. *Cornelia Eckert, "Chica". Estudos de trabalho, memória e imagem*. Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo. Vol.3, No. 5.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. A. *Um Sonho de Classe*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A.; AGIER, Michel; CASTRO, Nadya Araujo. *Imagens e Identidades do Trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1995.

HARRIS, Olivia. What makes people work? In. ASTUTI, R., PARRY, J. e STAFFORD, C. *Questions of Anthropology*, pp. 137- 165. Oxford: Berg, 2007.

HEREDIA, Beatriz Maria A. *A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

HO, Karen. *Liquidated: An Ethnography of Wall Street*. Duke University Press, 2009.

JORQUERA ALVAREZ, P. (2017) *Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de Oro, Chile*. 329 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169011>.

LEITE LOPES, Jose Sergio. *O Vapor do Diabo*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

LEITE LOPES, José Sergio. *Uma experiência da flutuação histórica do tema "trabalho" na Antropologia*. Theomai, núm. 24, 2011, pp. 1-10.

LINHART, Robert. *Greve na Fábrica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

LOPO, R. *Do IAPI a Saavedra, entre moradas, memórias e estórias: um estudo etnográfico sobre duração e sociabilidade em bairros operários de Porto Alegre e Buenos Aires*. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56593>.

LOPO, R. *Um mar (revolto) de oportunidades: desenvolvimento e trabalho através de diferentes escalas da indústria naval na cidade de Rio Grande e balneário Cassino*. 335 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156358>.

MENÉNDEZ, Eduardo. *Antropología Médica. Orientaciones, desigualdades y transacciones*. Ediciones de la Casa Chata. México, 1990.

MENEZES, Marilda A. de. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa, PB: EDUFPB, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Não Há Terra Para Plantar Neste Verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. Petrópolis: Vozes, 1986

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008

MARTINS, José de Souza. *Uma Sociologia da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2014

MELLO, L. de *Etnografia no bairro Navegantes (Porto Alegre-RS): transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes* 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14380>.

NIETO, Raúl. *La condición urbana de la clase obrera en el Distrito Federal*. En *Alteridades*, vol. 2, núm. 3, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México, 1992.

NOVELO, Victoria. *La vida obrera, un nuevo campo para la etnología*. En *Revista Cuicuilco*, Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia. Año 1, número 1, México, 1980.

NOVELO, Victoria. *Una mirada retrospectiva de la antropología del trabajo en México*. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*. Vol 2, nº3, 2018

NUNES, R. *A “boca”, a “esquina” e o “recanto”: sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados habitués do centro de Santa Maria, RS*. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/26110>.

PALERMO, Hernán *Cadenas de oro negro en el esplendor y ocaso de YPF*, Buenos Aires, Antropofagia, 2012.

PEIRANO, M. *A Teoria Viva e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

PIRES, C. *Industrialização e seus impactos na gestão urbana: Subsídios para um programa de educação ambiental em charqueadas/Rs*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Ecologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

REYGADAS, Luis *Ensamblando culturas*. Gedisa. Barcelona, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *El capital de la esperanza. La experiencia de los trabajadores en la construcción de Brasilia.*, Buenos Aires, Antropofagia, 2006.



ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia. *Etnografia do trabalho, narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marcavísal, 2015.

ROCHA, Manoel Cláudio. *Das mãos, o sapato. Das Palavras, o tempo: Uma etnografia nas ruas e bairros de Belém-PA*. *Illuminuras* (Porto Alegre), v. 15, p. 53-79, 2014.

ROY, Donald F. *Work Satisfaction and Social Reward in Quota Achievement: An Analysis of Piecework Incentive*, *American Sociological Review*, XVIII October, 1953, pp. 507- 514.

SANTOS JÚNIOR, Jaime. *Nas Tramas das Identidades: práticas sociais e imagens do trabalho no corte de cana*. São Paulo: Annablume, 2017

SANTOS JÚNIOR, Jaime ; THIBES, Mariana Zanata ; MENEZES, Marilda Aparecida de. *Disjunções e ambivalências: famílias migrantes nordestinas no ABC paulista*. *Civitas: Revista de Ciências Sociais* (Impresso), V. 19, p. 675-691, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.3.28647>

SARIEGO, Rodriguez, J. L. *Enclaves y Minerales en el norte de México. Historia social de los mineros de Cananea y Nueva Rosita. 1900-1970*. CIESAS, México (Ediciones de la Casa Chata, 1988.

SIGAUD, L. *Os Clandestinos e os Direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SILVA, Maria A. de M. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SOARES, P.P. (2012) *Etnografando as barbearias da cidade: um estudo antropológico sobre o trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)*. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54087>.

SOUL, J. *Somiseros. La configuración y el devenir de un grupo obrero desde una perspectiva antropológica*. Rosario: Prohistoria, 2014.

SOUL, M. Julia; Vogelmann, Verónica *Reconversión productiva y significaciones obreras. Transformaciones en las industrias frigorífica y siderúrgica*. En *Revista Intersecciones en Antropología*, vol. 11, núm. 1, pp. 89-101, 2010.

VEDANA, V. (2004) *"Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3731>.

WALLACE, SANTIAGO. *Trabajo y subjetividad. Las transformaciones en la significación del trabajo*. En: NEUFELD, M. R.; GRIMBERG, M.; TISCORNIA, S. Y, (1998).

WALLACE, S. (comp.), *Antropología Social y Política*, Buenos Aires, Eudeba.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

WOORTMANN, Ellen F. & WOORTMANN, Klass. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora da Unb, 1997. WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo: Hucitec. Brasília: editora da Unb, 1995.